

**VITAL FARIAS, O CANTADOR DO SERTÃO: A POÉTICA E OS TEMAS
QUE MARCAM AS CANÇÕES DO SERTANEJO CANTADOR,
REPRESENTANTE DA CULTURA E LITERATURA POPULAR NO
BRASIL.**

QUEIROZ, Elson José.
elson.queiroz@ig.com.br

SANTOS, Josane Cristina Batista (Orientadora)
Graduada em Letras e História, Mestra em Literatura Brasileira, professora dos
cursos de Letras e História da Universidade Tiradentes – UNIT.

RESUMO

O Cantador e Compositor Vital Farias foi o caçula entre 14 irmãos, natural de Itaperoá, na Paraíba. Alfabetizou-se com as irmãs através da Literatura de Cordel. Sua formação foi feita com íntima ligação ao universo sertanejo. Costumava ouvir bandas de pífanos, repentistas e cantadores. Aos 18 anos, começou a estudar violão sozinho. Autodidata, através de suas composições, cuja poética tem como tema principal o homem sertanejo e sua terra, utilizando uma linguagem tipicamente regional, marcada pela oralidade de forma lírico-narrativa, sempre apresenta como contexto social o sertão da Paraíba. Concede-nos a oportunidade de fugirmos deste mundo de realidade sombria e sem perspectiva que necessita de mudanças que proporcionem melhor qualidade de vida para os seres humanos, especialmente os sertanejos que vivem em constante luta pela sobrevivência, em meio à insustentável e deplorável situação social do Nordeste Brasileiro. Com as célebres obras, Vital contribui para o enriquecimento da música e da literatura popular brasileira, através dos seus momentos versificados, inserindo e perpetuando o seu nome como um importante representante da música e da literatura popular do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Cantador; Sertão; Canções; Poética; Temática.

VITAL FARIAS, O CANTADOR DO SERTÃO: A POÉTICA E OS TEMAS QUE MARCAM AS CANÇÕES DO SERTANEJO CANTADOR, REPRESENTANTE DA CULTURA E LITERATURA POPULAR NO BRASIL.

“SÓ É CANTADOR QUEM TRAZ NO PEITO O CHEIRO E A COR DE SUA TERRA, A MARCA DE SANGUE DE SEUS MORTOS E A CERTEZA DE LUTA DE SEUS VIVOS...”.

(François Silvestre, CANTADOR).

Vital Farias é um homem contemporâneo que nos dar o prazer de apreciar suas canções com a simplicidade de quem passou por muitos momentos de alegrias, tristezas, decepções; os sentimentos mais íntimos dos seres humanos, externalizando-os através de seus versos, concedendo-nos assim, o combustível imprescindível a todo ser humano; a arte.

É através dessa arte sublime, escrita com características lírico-medievais, que Vital deve ser considerado um insigne poeta popular. Insigne não por estar constantemente aparecendo na mídia, ou por produzir canções que são publicadas com o objetivo de fortalecer o capitalismo e o mercantilismo literário e musical, mas por enriquecer a literatura popular brasileira com simplicidade, qualidade e beleza literária.

Sua manifestação artística, fundamentada em cantar, compor e declamar os seus poemas e canções por todo o Brasil, necessita ser registrada e imortalizada através dessa pesquisa pioneira, por sua importância e relevância para a música e para a literatura popular no Brasil, pois defende e evidencia a Literatura oral através de suas cantigas. Literatura que não tem seu devido valor reconhecido pelos brasileiros, especialmente pelos educadores já que são responsáveis pela propagação do conhecimento, mas merece um lugar de destaque por sua tradição, riqueza, e beleza.

Vital Farias, popularmente conhecido pelos cantadores do Brasil como Mestre Vital, poeta, músico, paraibano da cidade de Taperoá, o mais novo de 14 irmãos de uma família humilde, criados num ambiente extremamente rural e seco: o sertão da Paraíba. Influenciado por suas irmãs, Vital aprendeu a ler e a escrever através da literatura de cordel, que o levou ao mais estreito contato com as tradições e a cultura do povo sertanejo.

A literatura de cordel, além de tê-lo levado a aprender a ler e a escrever, tornou-se uma fonte de inspiração, conhecimento e cultura, despertando assim o desejo intrínseco de musicar poemas, tornando-se mais que um poeta, um insigne cantador.

O cenário de desprezo e miséria do povo sertanejo desperta e aflora os sentimentos deste homem paraibano cuja vida lhe proporcionou dificuldades e muitos momentos de alegrias, tristezas, amores, decepções amorosas e existenciais, sentimentos que são retratados em seus versos e canções com uma inserção de ecos do lirismo medieval português, característica marcante na produção das suas composições.

Essa característica trovadoresca do Mestre Vital pode ser observada em suas célebres canções que trazem no aspecto formal de seus versos a aliteração, ressonância, a cadência silábica etc. Outra característica do estilo medieval em seus poemas é a musicalidade. Os seus

versos são declamados e cantados, bem ao estilo cantador do sertão propagando pelo Brasil o sofrimento do homem sertanejo, desvalido, enriquecendo a cultura e literatura popular do Brasil.

Sendo assim, o enfoque desse artigo é analisar a poética deste músico paraibano que tem como tema principal o homem sertanejo e sua terra, utilizando uma linguagem tipicamente regional através da oralidade de forma lírico-narrativa, sempre apresentando como contexto social o sertão da Paraíba. Dessa forma, contribui para o enriquecimento da música e da literatura popular brasileira, através dos seus momentos versificados, inserindo e perpetuando o seu nome como um importante representante da música e da literatura popular do Brasil.

É imprescindível evidenciar que no Brasil ainda existe um elevado número de analfabetismo e de pessoas que não têm acesso aos livros, são excluídas e esquecidas pela sociedade. Tal situação faz da comunicação oral uma importante saída para tornar o brasileiro um cidadão.

Uma forma de comunicação oral de destaque na História da humanidade são as cantorias. As cantorias eram poemas declamados e cantados pelos trovadores que viviam no período medieval viajando de um lugar para outro, de cidade em cidade, peregrinando, cantando histórias de amor e de paixão, como poetas ambulantes.

Essa comunicação oral também é conhecida como Trovadorismo. É o nome que se dá à primeira época da Literatura Portuguesa que provavelmente iniciou em 1189, data provável da *Canção da Ribeirinha* de Paio Soares de Taveirós e, supostamente, terminou quando Fernão Lopes foi nomeado Cronista-mor da Torre do Tombo.

Essa tradição atravessou os séculos e vem se mantendo viva e presente nas produções literárias e culturais dos poetas brasileiros da atualidade. Vital Farias é um brasileiro cantador que trabalha esses aspectos poéticos e culturais em suas obras.

Para se compreender a poética de Vital e descobrir o que o influencia em suas produções artísticas, faz-se necessário, inicialmente, identificar as características cotidianas do poeta. É preciso conhecer o cenário que o cerca, o sertão paraibano, e a sua infinda importância para a Cultura Popular do Brasil.

A cidade de Taperoá está localizada no alto da Serra do Teixeira, interior da Paraíba, cenário da obra teatral de Ariano Suassuna (inclusive do *Auto da Compadecida*), extremamente inesquecível, uma paisagem que causa espanto, impressionando qualquer ser humano que ali chegue. As condições estruturais da terra são caracterizadas pelo relevo que possui uma rudeza extrema, várzeas, antigos lagos que já não o são mais, pois as secas extinguiram. O Sol no sertão se torna castigante, ferrenho, imprimindo dificuldade, sofrimento e dor para o homem sertanejo que enfrenta a sede, consequência das secas, criando poços artesanais como subterfúgios para a sobrevivência.

Euclides da Cunha em *Os Sertões* caracteriza os sertanejos antes de tudo, como fortes homens que não possuem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. Todavia,

(...) ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas (...). Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. É um homem permanentemente fatigado.(CUNHA, 2003, p. 115).

O homem sertanejo sofre com as intempéries do sertão, carrega no rosto e nas ações as marcas que a seca e a rudeza extrema do relevo oferecem, são fracos por conta da fadiga, mas fortes por característica própria e subjacente a cada sertanejo, iludindo essa aparência de fraqueza e cansaço concomitante. Vivem períodos de constantes revoltas e extremos impulsos, intercadenciando com períodos de longas apatias por viverem num lugar desvalido.

As marcas e características do homem sertanejo e sua terra estão diretamente relacionadas à vida e à obra de Vital, induzindo-o e influenciando-o a inserir em suas obras os sentimentos que carregou em sua vida. O Mestre Vital fala sobre o sofrimento que assola o sertanejo, e que existiu em sua infância, fala sobre a dor por não ter água para beber, por não ter o que plantar e nem onde plantar, pela seca.

Mas, em suas obras, Vital não retrata apenas a tristeza e o sofrimento, também tem amor, alegrias, sonhos e esperanças. Tudo construído de uma forma capaz de encantar todos os apreciadores da cultura popular brasileira.

As canções de Vital podem ser caracterizadas como verdadeiras cantigas de amor, de amigo, assim como na Idade Média, já que suas composições são musicadas e carregam os mesmos temas e sentimentos de séculos atrás quando os poetas eram chamados de trovadores. Em relação ao trovadorismo,

O poema recebia o nome de “cantiga” (ou ainda de “canção” e “cantar”) pelo fato de o lirismo medieval associar-se intimamente com a música: a poesia era cantada, ou entoada, e instrumentada. Letra e pauta musical andavam juntas, de molde a formar um corpo único e indissolúvel. (MOISÉS, 2004, p. 19).

Segundo Moisés (2004, p.19), a musicalidade poética, característica dos trovadores medievais portugueses que compunham, instrumentavam e cantavam suas próprias canções, sem preocupações financeiras, pode ser encontrada em duas formas: nas cantigas de amor e de amigo, ambas versificadas com um lirismo amoroso.

As cantigas de amor eram caracterizadas durante a Época Medieval por um ambiente palaciano onde o trovador declarava o seu amor por uma dama, constituindo um relacionamento respeitoso, cortês, com características feudais de vassalagem e servidão amorosa, colocando a mulher como um ser inatingível.

Todavia, nas cantigas de amigo, os poetas trovadores da Península Ibérica apenas declamavam as poesias, sem a preocupação de transcrevê-las, o que as torna, cronologicamente, mais antigas que as cantigas de amor. As cantigas de amigo eram vivenciadas em um ambiente tipicamente rural, transmitindo uma caracterização do sentimento popular.

Essa caracterização do sentimento popular dos poemas lírico-trovadadorescos, em ambientes rurais, transcende o estereótipo medieval, pois,

(...) Percebemos que a cultura trovadoresca não morreu, que está presente até hoje, mesmo num país como o Brasil, que não viveu a Idade Média segundo os valores da civilização europeia ocidental. (...) É evidente a cultura trovadoresca sofreu contínuas modificações, adaptando-se aos diferentes condicionamentos sociais. (NICOLA, 1990, p. 21).

Mesmo tendo surgido provavelmente entre os séculos XI e XII, na Europa, o lirismo trovadoresco manteve-se vivo até os nossos dias. As características desse lirismo podem ser observadas nos versos de Vital Farias. Um homem que é morador no município de Taperoá, sertão da Paraíba, e coloca em suas composições fatos que possuem semelhanças com o estilo poético do século XI, mesmo vivendo dez séculos depois.

AI QUE SAUDADE DE OÇÊ

Não se admire se um dia
Um beija-flor invadir
A porta da tua casa
te der um beijo e partir
Fui eu que mandei o beijo
que é pra matar meu desejo
faz tempo que eu não te vejo
ai que saudade de oçê

se um dia oçê se lembrar
escreva uma carta pra mim
bote logo no correio
com frases dizendo assim
faz tempo que eu não te vejo
quero matar meu desejo
te mando um monte de beijo
ai que saudade sem fim

e se quiser recordar
aquele nosso namoro
quando eu ia viajar
você caia no choro
eu chorando pela estrada
mas o que eu posso fazer
trabalhar é minha sina
eu gosto mesmo é de oçê

(Vital Farias)

A relação amorosa, o paralelismo, a aliteração, a ressonância, a cadência silábica, a musicalidade, a expressão do sentimento popular, existentes nessa cantiga, são características comuns entre o lirismo-trovaresco e os versos de Vital Farias, os seus versos são declamados e cantados nos encontros culturais pelo Brasil. Da mesma maneira os trovadores medievais entoavam louvores nos palácios (um amor cortês, provinciano), ou nos campos (zona rural, entre camponeses), aqui especificamente, como a mais pura expressão de sentimento popular através da poesia.

A poesia popular, nos ensina Cláudio Leitão (1996, p. 171), é a manifestação mais plena da linguagem verbal, pois a sua descendência vem desde os tempos mais remotos e pré-lógicos do ser humano. A sua posterior publicação gráfica contribuiu para a firmação escrita do conhecimento e do saber do poeta, cujo acervo é a sua memória. E com uma enorme capacidade, consegue ritmar momentos, sentimentos, histórias, heróis ou mitos.

No Brasil, a poesia popular também pode ser conhecida como literatura de cordel. Para Joseph Luyten,

Essa poesia, entre nós, é conhecida como Literatura de Cordel. Isso porque havia o costume, na Espanha e Portugal, de se colocar os livretos sobre barbantes (cordéis) estendidos em feiras e lugares públicos, como roupa em varal. Há outros nomes para indicar esse tipo de expressão popular, mas o termo literatura de cordel é hoje consagrado e ninguém, ligado à poesia popular, o desconhece. (LUYTEN, 1992, p. 10).

A Literatura Popular no Brasil surgiu com o objetivo de veicular a comunicação entre as pessoas, os poetas escreviam os versos e colocavam à disposição do povo, por conta de sua dinamicidade e força de expressão. Segundo Luyten (1992, p.40), a literatura popular existe em todo o país, mas é no Nordeste foi excepcionalmente desenvolvida, construindo um quadro que possui a maior representação de poetas populares, mesmo perdendo muitas poesias, por serem apenas oral e improvisada. Hoje, com a ajuda do desenvolvimento tecnológico e do avanço social, as poesias podem ser publicadas e transmitidas de geração a geração, fortalecendo a literatura popular que é uma das mais importantes formas de representação cultural do povo. Sobre a Literatura de cordel é imprescindível evidenciar que,

Voz e ritmo que provêm de um ambiente socialmente paupérrimo, o cordel é capaz de atingir a mais refinada beleza, utilizando imaginação e sonho como forma, senão de superar a adversidade do meio, pelo menos de fazer reconhecer que ali vivem seres humanos. (LEITÃO, 1996, p. 175).

A literatura popular no Brasil se enquadra perfeitamente nesta afirmação de Cláudio Leitão. Os poetas em vários Estados brasileiros enfrentam muitas dificuldades para se manterem vivos e com forças para divulgar a sua arte. Temos exemplos de poetas cantadores por todo o Brasil. Aqui em Sergipe há exemplos de grandes nomes como João Firmino, Gilmar Santana, Zé Antônio, João Sapateiro dentre outros. Mas Vital tem um estilo que só encontra semelhanças em Elomar Figueira de Melo, o menestrel medieval de Vitória da Conquista, no sertão da Bahia. Algumas das canções de Vital e de Elomar, aproximam-se daquele som medieval, preservado nos cantadores do interior nordestino. A diferença fundamental é que Elomar é um tipo que se construiu e Vital, um autêntico. Talvez por isso, enquanto o cancionista do baiano Elomar se aproxima do erudito, o do paraibano Vital está mais profundamente ligado ao estilo popular.

Elomar escreveu composições das mais variadas formas, o que lhe dá uma característica erudita, todavia especialmente as cantigas marcaram a sua vida poética.

Compôs uma cantiga de amigo, com a inserção de ecos do lirismo medieval português característica extremamente forte em suas obras:

CANTIGA DE AMIGO

Lá na casa dos carneiros
 Onde os violeiros
 Vão cantar louvando você
 Em cantiga de amigo
 cantando comigo
 somente porque você é
 minha amiga mulher
 lua nova do céu que já não me quer
 dezesete é a minha conta
 vem minha amiga e conta
 uma coisa linda pra mim
 conta os fios dos teus cabelos
 sonhos e anelos
 conta-me se o amor não tem fim
 madre amiga é ruim
 me mentiu jurando amor que não tem fim

Lá na casa dos carneiros
 Sete candeeiros
 Iluminam a sala de amor
 Sete violas em clamores
 Sete cantadores
 São sete tiranos de amor
 Pra amiga em flor
 Qui partiu e até hoje não voltou
 Dezesete é minha conta
 Vem minha amiga e conta
 Uma coisa linda pra mim
 Pois na casa dos carneiros
 Violas e violeiros
 Só vivem clamando assim
 Madre amiga é ruim
 me mentiu jurando amor que não tem fim
 (ELOMAR)

No aspecto formal, esta canção de Elomar é fundamentada no paralelismo, na aliteração, na ressonância, características típicas do lirismo medieval e do cantador Vital Farias, o que os tornam próximos em temática e poética, pois as obras destes dois cantadores carregam um significado intrínseco: o homem sertanejo e sua luta pela sobrevivência.

Várias canções de Vital tratam do sentimento popular, algumas falam sobre o desejo de libertar-se do sofrimento em busca da felicidade através de cantigas onde o homem do campo, o índio, a criança voam para um mundo imaginário.

SETE CANTIGAS PARA VOAR

Cantiga de campo
de concentração
a gente bem sente
com precisão
mas recordo a tua imagem
naquela viagem
que eu fiz pro sertão
eu que nasci na floresta
canto e faço festa
no seu coração
voa, voa, azulão...

Cantiga de roça
de um cego apaixonado
cantiga de moça
lá do cercado
que canta a fauna e a flora
e ninguém ignora
se ela quer brotar
bota uma flor no cabelo
com alegria e zelo
para não secar
voa, voa, azulão...

Cantiga de índio
que perdeu sua taba
no peito esse incêndio
céu não se apaga
deixe o índio no seu canto
que eu canto um acalanto
faço outra canção
deixe o peixe, deixe o rio
que o rio é um fio de inspiração
voa, voa, azulão...

(Vital Farias)

Esta canção de Vital expressa de forma contundente o sentimento popular. Em cada verso, em cada estrofe, encontramos o homem que quer se libertar da seca e do sofrimento pela falta de água, buscando nos mais simples gestos como namorar, pescar, cantar canções de ninar, a felicidade.

Vital em suas canções busca retratar o social, trabalha as relações do homem com a natureza. Suas cantigas trazem, em um casamento perfeito com a viola, algumas viagens pelo Brasil onde teve contato com os mais diversos tipos de clima, vegetação, animais, seres humanos, e situações sociais que põem em risco o futuro da humanidade: a devastação da Floresta Amazônica.

Em 1982, escreveu sobre esse problema que é comumente discutido na atualidade, todavia ainda se encontra sem resolução, sem atitude, trazendo-nos numa canção uma saga: A “SAGA DA AMAZÔNIA”.

Era uma vez na AMAZÔNIA, a mais bonita floresta
mata verde, céu azul, a mais imensa floresta
no fundo d'água as IARAS, caboclo lendas e mágoas
e os rios puxando as águas.

PAPAGAIOS, PERIQUITOS, cuidavam de suas cores
os peixes singrando os rios, curumins cheios de amores
sorria o JURUPARI, UIRAPURU, seu porvir
era: FAUNA, FLORA, FRUTOS E FLORES.

Toda mata tem caipora para a mata vigiar
Veio CAIPORA de fora para a mata definhar
E trouxe o DRAGÃO-DE-FERRO, pra comer muita madeira
E trouxe em estilo GIGANTE, pra acabar com a capoeira.

Fizeram logo o projeto sem ninguém testemunhar
Pra o DRAGÃO cortar a madeira e toda a mata derrubar:
Se a floresta meu amigo tivesse pé pra andar
Eu garanto meu amigo, com o perigo não tinha ficado lá.

O que se corta em segundos gasta tempos pra vingar
E o fruto que dá no cacho pra gente se alimentar??

Depois tem o passarinho, tem o ninho, tem o ar
IGARAPÉ, rio abaixo, tem riacho e esse rio que é um mar.

Mas o DRAGÃO continua a floresta devorar
E quem habita essa mata pra onde vai se mudar???
Corre ÍNDIO, SERINGUEIRO, PREGUIÇA, TAMANDUÁ
TARTARUGA, pé ligeiro, corre-corre TRIBO DOS KAMAIURA

No lugar que havia mata, hoje há perseguição
Grileiro mata posseiro só pra lhe roubar seu chão
Castanheiro, seringueiro já viraram até peão
Afora os que já morreram come a ave-de-arribação
Zé de nana ta de prova, naquele lugar tem cova
Gente enterrada no chão:

Pois mataram ÍNDIO que matou grileiro que matou posseiro
disse um castanheiro para um seringueiro que um estrangeiro
ROUBOU SEU LUGAR

Foi então que um VIOLEIRO chegando na região
Ficou tão penalizado e escreveu essa CANÇÃO
E talvez, desesperado com tanta DEVASTAÇÃO
Pegou a primeira estrada sem rumo, sem direção
Com os olhos cheios de água, sumiu levando essa mágoa
Dentro do seu CORAÇÃO.

Aqui termino essa história para gente de valor
pra gente que tem memória muita crença muito amor
pra defender o que ainda resta sem rodeio, sem aresta
ERA UMA VEZ UMA FLORESTA NA LINHA DO EQUADOR.

Em um disco lançado em 1982 intitulado *Sagas Brasileiras*, Vital afirmou que:

“As andanças pela Amazônia, de início, pelas capitais, me incursionando em seguida em muito e tanto, até as regiões mais distantes, no interior de cada um que habita as imensas montanhas amazônicas pela vida afora. Nestas investidas tentei ser o que sempre fui e serei: um matuto com a imensa felicidade de me encontrar com os irmãos que somos todos nós, sem diferenças intelectuais mas nascidos do mesmo barro, da mesma força que o rio empurra em direção ao mar. Tentei enxergar tudo que se move ou não, sem desprezar o menor detalhe. Me fiz abelha carregando o próprio pólen, me fiz a flor, me fiz mel. Sendo que toda esta riqueza não me pertencerá a não ser a todos nós. Meu agradecimento eterno”. (VITAL FARIAS, 1982, LP)

Ao denunciar um problema social, através de uma cantiga que traz a realidade da atual conjuntura brasileira; a falta de interesse em resolver a devastação da Floresta Amazônica, Vital coloca-se como porta-voz do povo brasileiro, denunciador da verdade através de suas poesias. Dessa forma, o cantador ganha carinho, admiração e deleite dos amantes da boa poesia, e boa música e sente repulsa pelos governantes e grandes empresários do mundo literário e musical que o puseram diante dos entraves musicais e literários da atualidade, o que dificulta o acesso das pessoas às suas composições.

Vale ressaltar que toda a obra do Mestre Vital é feita com beleza e naturalidade, as canções, as letras, os arranjos, a temática, a poética. Tudo é muito simples e muito bonito, de uma beleza esparsa e sem igual. Garantindo à sua obra um lugar de destaque na cultura e literatura brasileira. Suas composições, cuja poética está diretamente relacionada às características lírico-medievais, e a temática principal traz o homem sertanejo e sua terra, utilizando uma linguagem tipicamente regional através da oralidade de forma lírico-narrativa, sempre apresenta como contexto social o sertão da Paraíba.

A poesia de Vital Farias concede-nos a oportunidade de participar de uma fuga deste mundo de realidade sombria e sem perspectiva necessitando mudanças que proporcionem melhor qualidade de vida para os seres humanos, especialmente os sertanejos que vivem em constante luta pela sobrevivência, em meio à insustentável e deplorável situação social do Nordeste Brasileiro. Dessa forma, contribui para o enriquecimento da música e da literatura popular brasileira, através dos seus momentos versificados, inserindo e perpetuando o seu nome como um importante representante da música e da literatura popular do Brasil.

REFERÊNCIAS

- AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CAMPOS, Geir. **Pequeno dicionário de arte poética**. São Paulo, Cultrix, 1980.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo, Martin Claret, 2003.
- FAUSTINO, Mario. **Poesia – Experiência**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- LEITÃO, Cláudio. **Teoria literária – novas técnicas**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. 5. ed. São Paulo: brasiliense, 1992.
- LUYTEN, Joseph M. **Sistemas de comunicação popular**. São Paulo: Ática, 1988.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 29. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- NICOLA, José de. **Literatura portuguesa da Idade Média a Fernando Pessoa**. São Paulo: Scipione, 1990.
- SAMUEL, Roger. **Manual de teoria literária**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

*As obras de Vital Farias e Elomar foram extraídas do CD *Cantoria 1* (o grande encontro de Elomar, Vital Farias, Geraldo Azevedo, Xangai), produzido por Mario de Aratanha e lançado pela gravadora *kuarup discos*. O CD foi gravado ao vivo nos dias 13, 14 e 15 de Janeiro de 1984 em Salvador (BA).